

ENTREVISTA – COM [O MAPA MENTAL DE] MARIA ELIZABETH SILVEIRA

INTERVIEW – WITH [THE MIND MAP OF]
MARIA ELIZABETH SILVEIRA

Maria Elizabeth Silveira¹ e Daniela Vieira Goularte²

“Mas lembrança que eu tenho é isso [é só o que tem na cabeça da gente.”
Maria Elizabete Huckembeck Silveira, 2021.

O mapa mental que apoiou esta entrevista foi elaborado pela Sr^a Maria Elizabete, ex trabalhadora do antigo frigorífico Anglo, e compõe o acervo de dados da pesquisa *Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS*, que foi parcialmente desenvolvida no contexto da pandemia.

Os instrumentos utilizados para coletar os dados referentes ao Período Industrial (a pesquisa possui outros dois períodos e utilizou outros instrumentos) foram: mapa mental, entrevista semi-estruturada, e foto/objeto-elicitación. Na época, foi sugerido que a participante comentasse algo sobre o mapa mental, a fim de complementar o desenho, e o resultado é a história que será apresentada a seguir.

Na história completa, a Sr^a Maria Elizabete conta diversos casos relacionados ao espaço da fábrica – faz referências aos seus familiares, também ex trabalhadores do Anglo – das rotinas de trabalho, das relações interpessoais, da produção e reprodução do espaço, do abandono, dos desejos e devires. Aqui será contada algumas partes dessa história, que valer-se-á de alguns verbetes do verbolário da caminhografia urbana (Rocha; Santos, 2024) para distrair a leitura.

“...quando a gente é nova não pensa que vai ter um passado né.”
Maria Elizabete Huckembeck Silveira, 2021.

Eu não entendo nada de desenho³ (risos). Não sei se eu vou conseguir me localizar aqui no mapa, porque é tão pequenininho meu telefone. No caso aqui ó, não sei se dá pra ver [...] aqui onde diz Rua Tiradentes, mais aqui embaixo é a minha casa, a casa da minha mãe onde eu morava⁴ quando trabalhava né. [...] daí daria uns 10 minutos, nem isso, acho que 5 minutos até a entrada do Anglo [...].

1 Entrevistada: SILVEIRA, Maria Elizabete Huckembeck. [66 anos]. [fev. 2021].

2 Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 4 fev. 2021. Arquiteta e Urbanista. Especialista em Artes Visuais. Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Linha Cidade e Sociedade. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Cidade+Contemporaneidade. Servidora técnico-administrativa no cargo de Arquiteta e Urbanista da Universidade Federal de Pelotas.

3 Desenhar: “[...] 2. Falar outra língua; [...] 7. Dar visualidade ao pensamento” (Rocha; Santos, 2024, p.125).

4 Morar: “Morar é verbo que não se encerra na casa, está composto de várias camadas, moradas, que se dilatam ou encolhem. Morar é cidade, casa, rua, todo lugar que nos afeta, nos traz familiaridade” (Rocha; Santos, 2024, p.230).



Essa parte aqui, onde hoje é a faculdade ali era parte de matança, picada, as câmaras frias, tinha uma escada que a gente via todo o pessoal descendo né, dali onde eu morava se via tudo, né.

Então, [...] o trajeto que eu fazia⁵ era bem... [...] não dava uns 100m, [...] até a rua Gomes Carneiro, [...] ali tinha umas mangueiras. Então quando eu saía de casa pra ir trabalhar, geralmente era horário que passava os bois que iam subir pra matança, então eles fechavam né, tinha que controlar o horário porque fechavam o portão, aí fechava e não tinha como entrar na Gomes Carneiro, então a gente sempre saía mais cedo. Saía as 06:45h pegava as 07:00h, quinze minutos tranquilo, se tava fechado dava tempo de passar os bois e depois a gente ia pro serviço. **Eles entravam pelo mesmo caminho dos funcionários?** Não eles entravam era por trás de onde hoje é a biblioteca. [...] bem aqui assim ó, essa parte escura seria indicando a rampa [...] que eles subiam [...] porque a matança era no segundo andar.

Pra entrar dentro da fábrica tinha que passar por um lava-pé, tem que passar num lava-pé né, pra entrar com as botas pra não levar contaminação pra dentro da indústria, era muito controlado. Tudo muito branquinho, aquelas pessoas tudo muito branquinhas, as roupas não podiam ter um pinga de sangue, nada nada. Era tudo... muita higiene tinha. Isso aí era muito... sempre o controle era muito grande. Tinham o regime assim, bem controlado. É.

5 Percorrer: “Também pode ser a monotonia cotidiana. Caminhar entorpecido pelas calçadas da rotina. No entanto há beleza na repetição, na simplicidade do dia a dia, na familiaridade dos lugares conhecidos. É uma harmonia paradoxal entre o novo e o velho, entre a inovação e a tradição. Criar conceitos: moldar ideias na argila do pensamento, traçar novos mapas cognitivos, explorar territórios da mente” (Rocha; Santos, 2024, p.248).

[...] eu cheguei a trabalhar dois ou três anos no laboratório de bioquímica da firma né, que ficava neste prédio aqui [...] que ainda existe ali, não sei se dá pra ver, é o primeiro prédio que tem à direita, é o que ainda tá em pé. Ali em baixo era o escritório, em cima era o laboratório, engenharia e inspeção federal. [...] Depois daquele prédio tinha outro igual, [...] do mesmo tamanho, que seguia pra dentro da firma, [...] ali tinha vários setores, [...] todos juntos, unidos né, eles eram três galpão. [...] eu sei que por último era onde eles guardavam a farinha do osso, que era um processo⁶ que eles faziam com osso, [...] secavam o osso, moíam o osso. Que de primeiro era bem na entrada da rua Gomes Carneiro, era aqui ó, era nesse cantinho aqui ó, bem... passava a casa das bombas ali. Ali que funcionava a farinha do osso de primeiro. [...]

Lá pro final, eles desmancharam, alí funcionava a conserva e a rotulagem, que era onde eles faziam a conserva da carne, era feito ali. E aqui na conserva da carne, aqui atrás tinha uma outra peça também que não tem mais nada ali, que é onde eles trabalhavam a fruta. Eles trabalhavam com fruta também né. [...] aqui na parte que hoje é a faculdade tinha tipo um viaduto, que é por onde eles passavam a carne que ia ser trabalhada na conserva. [...] os carrinhos com carne que iam lá pra conserva, pra trabalharem, não saía pela rua, saía lá por cima pelo viaduto que tinha, que ligava uma parte na outra.

E aqui na parte da matança eu não conhecia assim todos os detalhes, eu trabalhava no laboratório, então eu ia lá quando era pra tirar uma amostra da carne, coisa assim. Uma vez eu fui na matança e me apavorei de ver (risos) foi pouco antes do boi entrar assim pras câmaras frias, a gente ia colher o material pra fazer análise né, era colhido, ia cortar com bisturi, pegava com uma pinça, e aí depois aqueles músculos tudo se mexendo (risos) eu fui só uma vez na matança e não quis ir mais (risos). Ah não, não gostei, eu vi eles matando, não, não gostei de ver. Tem que ter muita coragem (risos).

[...] geralmente a matança era feita no segundo piso, quando baixava pro primeiro piso ia pra... eles chamavam de (palavra não identificada na transcrição) era onde caíam os miúdos, eram os rins, coração, o bucho do animal, aquilo caía tudo por encanamento né, já caía lá no setor que tinha que cair, por exemplo, o setor que trabalhava com rim era só com rim. E a picada depois era assim, [...] geralmente a carne era resfriada pra depois ser cortada, [...] lá eles faziam vários tipos de cortes, era lombo pra exportação, ia tudo em caixas né, iam 7, 8 lombos assim, tudo já limpinho, tudo pra exportação. Eu sabia por que as vezes eu tinha que ir dentro da fábrica quando trabalhava no laboratório.

Depois nos últimos anos eu trabalhei no escritório, [...] trabalhei na parte de contabilidade. Alguma coisa eu sei, e outras assim... eu sabia muitas coisas porquê meu pai trabalhava toda a vida alí, a minha mãe também trabalhou, e meus irmãos também, [...].

Aqui assim ó, bem aqui embaixo [...] que tem uns pontinhos mais escuros, [...] muita coisa era movida à lenha né, aí então eles guardavam do lado [...] onde eram as mangueiras, que eles chamavam, eles tinham a lenha.

E do outro lado, tens lembranças? [...] esse galpão que eu botei aqui ó, diz repartição pública, [...] isso aqui era herança de uma charqueada, que depois a prefeitura usava pra guardar os burros, os burros e as carroças, eu não sei... acho que tu não conhecesses como era feito a... [...] como era recolhido os dejetos das casas, dos banheiros, não sei

⁶ Processar: “Kafka começa suas histórias pelo meio: [...] O autor ensina, pela invenção literária de O processo, que a inserção num espaço e tempo (do escrever literatura, no seu caso, ou pesquisa, no nosso caso) exige o entendimento de que uma vida já pulsa naquele território antes mesmo de tudo” (Rocha; Santos, 2024, p.262).

se tu chegou a conhecer o nome, já ouvisse falar? **Já ouvi falar, eram os cabungos né.** É! Aqui eles guardavam as carroças e os burros. [...] Aqui tem o colégio, aqui também, aqui era repartição pública, onde eles faziam os cabungos, e tinha escritório, eles guardavam a alfafa dos animais, era uma correria assim de casas que tinha, que tudo era derivado das charqueadas, de uma charqueada que tinha alí. O colégio Ferreira Viana era uma casa de uma charqueada, e os fundos do colégio praticamente dava pra casa da minha mãe.

Não tinha muro de divisa? Não. Porque aqui onde tem... bem aqui próximo no final da rua Brito, Pedro Brito, aqui tem um galpão, que é onde eles guardavam as ovelhas, quando era época de matança de ovelha, [...] peru, [...] porco, tudo tinha a sua época né, então quando a gente passava ali, era criança, a gente assoviava pros peru gritar né (risos) coitadinhos (risos).

Não sei se tu reparou naquela foto, não no meu desenho, mas tem uma foto do Anglo, no que sobe a rampa assim, tem um corredor que acho que continua, não sei se continua, sabe que eu nunca fui praquela lado que agora é a entrada da faculdade mesmo, parte administrativa, [...] não sei se ainda dá pra se ver, existe um corredor por fora do prédio, [...] que era por onde as ovelhas passavam pra matança, [...] subia pelo mesmo corredor, o bret dos animais, do boi, e lá tinha um corredorzinho, ia um por um né, por aquele corredorzinho lateral, esses dias perguntei pro meu irmão o que era aquele corredor, e ele disse “por aí que entravam as ovelhas”.

E o pessoal se sentava, saía do serviço e sentava tudo do lado daquele galpão, lá da casa da mãe a gente enxergava, o pessoal tudo de branco, ou vinham aqui pra frente, onde tem o mato, alí era bem limpinho, tinha bancos, as pessoas se sentavam ali. Muita gente morava longe e não ia em casa almoçar né, então ficavam... sentavam ali na frente, almoçavam e sentavam alí até a hora de pegar o serviço. Aí depois sim, aí foram doando o campo, doaram um pedaço aqui que tem um prédio que é associação, que era dos amigos da Balsa, que depois desmancharam, foram desmanchando, aí depois doaram pras pessoas né, agora hoje é cheio de casa né, não tem mais... mais nada. A visão que a gente tinha já não tem mais, que agora tá tudo cheio de casa, até a rua ali fizeram casa né. Isso aqui nos anos 72, 74 até 75.

Esse desenho representa que período? Até 75, que é quando eu trabalhei.

O que é isso atrás do escritório? Aqui era uma sede que tinha. É, era uma sede, tipo de futebol que eles tinham, que era do Anglo, tinha um café, tinha um refeitório por dentro [...] a outra metade era um restaurante que eles tinham. Então o pessoal que trabalhava até mais tarde, alguns, principalmente quando meu pai era chefe das câmaras, que eles tinham embarque, eles chamavam embarque era quando eles tinham que carregar caminhão pra mandar pro porto, aí então o pessoal trabalhava e aí como passava das 8 horas de serviço, eles davam janta, aí eles faziam janta, o pessoal jantava e voltava a trabalhar, as vezes soltavam 11h. Dependendo do embarque conforme era que eles tinham necessidade de mandar, eles trabalhavam até tarde da noite. **O embarque era feito ali mesmo no Anglo ou era lá no Porto?** Não, o embarque era feito só em Rio Grande. Eles carregavam os caminhões ali e mandavam pra Rio Grande. Mandavam pra outros países, a carne né, geralmente era em caixa que ia né, encaixotado.

Como tu gostarias de ver o local (fábrica/entorno) nos dias de hoje? Ah, eu gostei quando a universidade veio pralí né, porque a gente tava vendo que dia a dia tava se terminando, já tinham... é, casa abandonada é casa abandonada⁷ né, sabe como é que é, cada um tira um pouquinho, tira isso, tira aquilo, quando vê tá tudo caindo. Só fiquei com pena que eles desmancharam algumas coisas, que podia ter ficado. **Como o quê por exemplo?** Alí no caso, o primeiro prédio que eles deixaram tinha um outro, que era um prédio bom né. A parte lá da conserva que desmancharam, mas alí o projeto era que ía sair um shopping daquele lado, a faculdade era só pro outro lado. [...] aquele segundo prédio mesmo, até pra utilidade da faculdade. [...] onde era a conserva e a rotulagem eram salões enormes, sabe, inteiros, se a faculdade tivesse mantido aqueles dois, aquele prédio alí, quanta sala de aula daria alí, bah, era enorme, tu olhava assim se sumia, chegava na porta e via aquele salão, era um salão inteiro só com colunas [...] mas parece que podem recuperar ele né porque ele ficou com os pilares alí, alguma coisa assim. Talvez a faculdade depois recupere. A gente espera né.

Referência

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. *Verbolário da caminhografia urbana*. Pelotas, RS: Editora Caseira, 2024. 396p.;il.; 13x18cm.

⁷ Abandonar: “Abandonar possui vários sentidos – uma polissemia – está sempre acompanhado de outras palavras, abandonamos alguma coisa ou somos abandonados our outrem. [...] O ato de abandonar promove um bloco de sensações em quem abandona ou naquele que se sente abandonado. [...] Áreas abandonadas podem causar sensação de insegurança e de estranhamento por serem consideradas zonas que fogem da estrutura urbana ordenada. São espaços não dominados na cidade e que fogem de uma eficiência produtiva que envolve nosso cotidiano. Por outro lado, nessas áreas também predomina a memória do passado no tempo presente, onde restam apenas valores residuais, mesmo que se encontrem desconectados das atividades diárias. [...] Para o abandono existe a abertura para um mundo de possibilidades.(Rocha; Santos, 2024, p.37-38).